Magazine

Compositor, que volta à capital neste fim de semana com a turnê do álbum 'Meu Coco', também diz que a plateia belo-horizontina é a melhor do Brasil

ALINE FONSECA / DIVULGAÇÃO

Música

Um sábado com Caetano Veloso

■ BRUNO MATEUS

Caetano Veloso, 80, estreou a turnê nacional do disco "Meu Coco", lançado em outubro do ano passado, em Belo Horizonte, nos primeiros dias de abril. Foram três datas no Palácio das Artes com ingressos esgotados. A escolha da capital mineira no começo do giro pelo país não se deu por motivos aleatórios.

"Belo Horizonte tem, feitas todas as contas, a melhor plateia do Brasil", diz o baiano em entrevista a **O TEMPO**. "Atribuo a superioridade da plateia belo-horizontina à centralidade mineira que produziu um aprofundamento da feitura e da fruição da música que se traduz em Clube da Esquina", explica. A seguir, Caetano Veloso fala sobre o repertório do show, que mescla faixas de "Meu Coco" com canções clássicas de diferentes fases do cantor, entre as quais "You Don't Know Me", do cinquentenário "Transa", "Cajuína", "Sampa", "Odara" e "Leãozinho", chama os que desrespeitam negros e nordestinos de "cafajestes" e analisa como "Meu Coco" reflete o Brasil: "Há ironia e amargura – e há esperanças e promessas absurdamente ambiciosas".

Sobre o repertório deste show, haverá alguma novidade? Basicamente, não tem havido mudanças no repertório do show "Meu Coco" desde a estreia em BH. Algumas vezes cantei "Cobre" logo antes de "Cajuína". Agora fiquei com vontade de cantar "Autoacalanto" por causa do que você me disse sobre Amora (*filha deste que vos escreve, que tem na canção um acalanto para fazer a criança ninar*). Mas não tenho certeza de que vou fazer isso porque temo que o show fique longo demais.

Na letra de "Autoacalanto", escrita para seu neto Benjamin, você se pergunta: "O que é mesmo que isso me ensina?". Ser avô modificou seu modo de ver a vida em algum sentido? Benjamin não me fez avô pela primeira vez. Minha primeira neta, filha de Moreno, tem 16 anos. Ser pai mudou tudo em mim. Ser avô é um carinho a mais, um prêmio por eu ter tido a coragem de ser pai. Acontece que Benjamin cresceu os dois primeiros anos em minha casa. Nasceu perto de nós e ficou conosco por causa da pandemia.

Frequentemente, vejo pessoas comentando sua jovialidade "no alto de seus 80 anos". Esse tipo de comentário, na verdade, não vem de hoje. Como você se prepara para uma turnê que viaja o país há mais de seis meses? Por causa dos perrengues da velhice, tenho espaçado mais as datas de show. Inclusive adiei a ida ao exterior para o próximo ano porque o Brasil é muito grande, e seria demais fazer as viagens domésticas correndo. E agora nem penso em viajar para fora logo. Vou decidir no período de descanso mais prolongado. Minha aparência relativamente jovem se deve à herança genética. Meus pais, meus irmãos foram e são assim. Fiz pilates por poucos meses há mais de dez anos. Depois precisei parar pra viajar e não voltei a fazer. Não tenho rotina especial para a turnê. Pego carona há pouco mais de dois anos na fisioterapeuta de que Paulinha (Paula Lavigne, esposa) precisou por ter tido um problema de coluna. Mas não mudamos nada desde que começou "Meu Coco".

Certa vez, vi você falando sobre duas plateias consideradas especiais: a de Buenos Aires e a de Belo Horizonte. O que você vê no público de BH que te faz ter essa opinião? Sim, Belo Horizonte tem, feitas todas as contas, a melhor plateia do Brasil. E Buenos Aires tem a melhor plateia do exterior. Para meus shows, pelo menos. Atribuo a superioridade da plateia belo-horizontina à centralidade mineira que produziu um aprofundamento da feitura e da fruição da música que se traduz em Clube da Esquina. Os espectadores são atentos e se mostram entusiasmados quando aprovam o que ouvem. Em Buenos Aires, acho que tudo nasce da relação do desenvolvimento cultural europeizante da Argentina, que produziu cinema e música de qualidade por décadas, e seu modo de descobrir a vitalidade da bárbara inspiração brasileira.

Temos visto diversos casos de intolerância contra as religiões de matriz africana no Brasil e também contra os nordestinos. As culturas africana e nordestina perpassam sua obra, sempre o influenciaram estética e musicalmente. O que esses ataques te provocam, como eles te impactam? Sou da Bahia, Estado que tem a maior população negra do Brasil e foi incorporado oficialmente à região Nordeste durante a ditadura militar. Eu estava exilado em Londres quando essa mudança se deu. Éramos, junto com Sergipe, o Rio de Janeiro e o Espírito Santo, a região Leste. Mas orgulho-me de ser considerado nordestino. Meu pai era mulato, óbvio. Minha mãe parecia uma indiana. Nós, os seis filhos biológicos deles, temos cores de pele e tipos de cabelo variados. Tudo o que diz respeito ao Nordeste e tudo que diz respeito aos negros me atinge. Desde Santo Amaro, onde havia uma imensa maioria de famílias miscigenadas, a questão do racismo me obsessiona. Esses cafajestes (tão brasileiros!) que hoje têm poder e desrespeitam negros e nordestinos me repugnariam, mesmo que eu fosse catarinense ou gaúcho. Mas sou mulato e baiano. Ou seja, incluo-me entre os negros e os nordestinos.

Você já disse que o Brasil ganha em "Meu Coco" um retrato de aparente exaltação. Para mim, uma marca de sua obra é esse olhar permanente sobre o Brasil, sobre a cultura brasileira e sua vitalidade. Nesse sentido, onde está "Meu Coco"? O disco também reflete sobre esse país, que país? Sim. Reflete. A canção "Meu Coco", que abre e dá título ao disco, é cheia de louvações à miscigenação, mas num clima de pós-identitarismo. Há ironia e amargura – e há esperanças e promessas absurdamente ambiciosas. Ainda não dialoguei com Zé Miguel sobre o "Vão" que há aí porque isso tem de ser conversa comprida e estou atarefado. Mas sei que o farei.

Você sempre reverenciou Milton Nascimento, que completou 80 anos ontem. Em 2022, há também a efeméride dos 50 anos do disco "Clube da Esquina". Há algum paralelo estético/criativo entre Bituca, Clube da Esquina e Minas e Caetano, Doces Bárbaros e Bahia? Somos muito diferentes. Meu irmão Rodrigo, a quem devo quase tudo, diz que, ao conhecer Minas, envergonhou-se do narcisismo baiano, que alardeia em canções as belezas que ficaram do Brasil Colônia em Salvador, já que as igrejas e a arquitetura de Minas eram mais bonitas, e os mineiros eram discretos. Nós anunciamos mais do que fazemos. Mineiros fazem mais e ficam mais calados.

Programe-se

Caetano Veloso apresenta a turnê "Meu Coco" neste sábado (29), às 21h, no Expominas (avenida Amazonas, 6.200, Gameleira). Os ingressos estão disponíveis na plataforma Sympla a partir de R$ 250.*

Scanned with CamScanner